



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse do novo diretor-geral da Abin**

Brasília-DF, 13 de julho de 2004

Meu querido amigo e companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Meu querido companheiro, embaixador José Viegas, ministro da Defesa,

Meu caro e querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Luiz Soares Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido amigo general Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República,

Meu querido companheiro Mauro Marcelo de Lima e Silva, diretor-geral da Agência Brasileira de Inteligência,

Deputados,

Funcionários e funcionárias da Abin,

Meus amigos e minhas amigas,

Como eu estou num órgão de inteligência e disse que não ia falar, certamente, a inteligência sabia que eu ia falar.

Dizem que um político não poder ver meia dúzia de pessoas que ele já pensa em fazer discurso. Mas eu vou tentar ser curto, aqui, e dizer algumas palavras para vocês.

Primeiro, dizer que uma instituição como a Abin, pode e deve ser muito mais eficiente a partir de agora do que já foi em qualquer outro momento. E uma parte dessa eficiência depende muito daquilo que o governo brasileiro quiser que aconteça. Para isso, é importante que o governo trate a Abin como



uma instituição definitivamente, necessária às decisões estratégicas do Estado brasileiro e, por isso mesmo, cabe ao governo criar as condições para que a Abin possa funcionar com muita perfeição e precisão.

O Estado brasileiro tem algumas instituições que não podem prescindir da sua capacidade de produzir resultados. A abin é uma delas, a Polícia Federal é outra, a Receita Federal é outra. Eu diria que são instituições que podem permitir que o Estado seja muito mais eficiente, que o Estado possa cumprir muito mais com as determinações que estão contidas na Constituição, de fazer do nosso país um país com mais justiça social, com mais crescimento econômico e com mais distribuição de riqueza para o nosso povo.

Pobre do governante que não tiver as informações adequadas para tomar as boas e importantes decisões que tem que tomar. E isso exige, da parte do governo, um alto grau de profissionalismo e exige, da parte de vocês, um alto grau de profissionalismo. Vocês não devem, no exercício da função, pertencer a nenhum partido político, a nenhuma crença religiosa e, por inteligência, quem sabe, no exercício da função, nem dizer qual é o time pelo qual torcem – de preferência que seja para o Corinthians, em São Paulo, e para o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. Eu sei que tem muita gente aqui com cara de flamenguista, mas no exercício da função é importante que, antes de tudo, prevaleça o alto grau de profissionalismo de vocês. Pobre do ser humano que, compondo uma instituição de Estado, como estas que eu citei, resolva fazer das informações que obtém, um degrau para subir às custas dessas informações.

O grande profissional tem que utilizar as informações que obtém a serviço do Estado brasileiro e não a serviço da sua promoção pessoal. No Brasil, muitas vezes, nós assistimos pela imprensa, personalidades políticas, personalidades intelectuais, empresariais, sindicais, mesmo no meio de vocês ou na Polícia Federal ou na Receita Federal, figuras que são difamadas pela imprensa por informações precipitadas, com o nome achincalhado pelos quatro



cantos do país. Depois, não se prova nada e ninguém pede desculpa pelo estrago que foi feito à imagem da pessoa, à imagem da família e à imagem do Estado brasileiro.

Muitas vezes o denunciismo não contribui com a democracia como alguns pensam. Uma denúncia só pode se tornar pública quando estiver embasada em fatos verdadeiros e totalmente comprovados, senão isso passa a ser difamação, e isso não contribui com o profissional, com a instituição, e muito menos dá ao Estado brasileiro mais sabedoria para tomar as suas decisões.

Quando foi criada a ABIN, em 1999, eu penso que esse foi um passo acertado, por causa de todo o preconceito que se tinha antes, com instituições de inteligência no Brasil, nem sempre trabalhando a serviço da democracia. Esse preconceito fez com que obstáculos fossem criados para que a ABIN fosse entendida pela sociedade como uma instituição altamente necessária ao fortalecimento e consolidação da democracia no nosso país.

Depois de cinco anos, vocês já têm consciência, não apenas do que fizeram, mas do potencial do trabalho que vocês podem produzir para o nosso país. Diferentemente do que aconteceu em outros momentos históricos do Brasil, quando o serviço de inteligência estava a serviço de um governo apenas, vocês estão a serviço, muito mais que de um governo, vocês estão a serviço do Estado brasileiro.

O mandato de um presidente é de apenas quatro anos, e o Estado brasileiro vai sobreviver a algumas centenas de presidentes da República, e a instituição precisa perpassar todos eles intocável, com a moral elevada e com a folha de serviços cada vez mais reconhecida pela sociedade brasileira.

Muito do que acontecer, depende de vocês, das mulheres e dos homens que trabalham na ABIN. Cada um de vocês sabe que, ao pertencer a uma instituição como a ABIN, isso exige de vocês um grau de profissionalismo que possivelmente não seria exigido em qualquer outra repartição pública. Mas



nesta, é necessário ser competente, ser profissional, ser dedicado, ser apartidário, não ser ideológico no exercício da sua função, independentemente de cada um ter a sua coloração ideológica, partidária, religiosa ou futebolística. Ninguém vai pedir atestado de idoneidade nesse campo, mas no exercício da função, a única coisa que conta é o alto grau de profissionalismo.

A você, meu querido companheiro Mauro, que assume esta tarefa, eu quero dizer o que eu disse quando indiquei o Procurador-Geral da República, quando indiquei o nosso companheiro Claudio Fonteles. Eu disse que ele não estava sendo escolhido pela relação de amizade que tinha comigo, ele estava sendo escolhido pelos serviços prestados no exercício da sua função à coletividade.

E eu penso que quando se assume, Mauro, um cargo de chefia numa instituição poderosa como a Abin, é importante que tenhamos claro que o papel do chefe é ser mais humilde, o papel do chefe é ter mais capacidade de ouvir do que falar, o papel do chefe é o de tentar estabelecer harmonia entre os seus subordinados, sem que esse comportamento deixe de lado a autoridade do exercício do cargo.

Eu aprendi muito cedo, na minha vida, numa briga que eu tive na Villares, em 1970, que muitas vezes o chefe não é o melhor na sua função. A Villares tinha um grande torneiro vertical, que era o “Pelé do Torno”. E quando mandaram um chefe embora, eu fui brigar com a empresa para que ele fosse o chefe. E aí me alertaram, uma lição que eu carrego para o resto da vida, que o Altair era uma figura extraordinariamente competente, mas ele não tinha aptidão para ser chefe, ele não sabia dar ordem, ele não sabia exigir o cumprimento das tarefas pelos seus subordinados. E, portanto, ele não tinha como ser escolhido para ser chefe.

E isso nos traz uma lição ainda maior. Quanto maior a nossa responsabilidade, devemos ter mais humildade; quanto maior a nossa responsabilidade, mais nós temos que despertar a confiabilidade daqueles que



estão próximos de nós, porque se o chefe não tiver a capacidade de coordenação, a confiabilidade dos seus pares, ele pode até ter o cargo de chefe, mas não será chefe de direito, ou melhor, de fato.

Eu acho que você, Mauro, por esses longos anos de convivência, tem toda a possibilidade de se tornar um grande companheiro dos companheiros da Abin, um grande companheiro das companheiras da Abin. E ser chefe, ser diretor, não porque o Presidente da República o indicou, você vai ter que conquistar esse espaço na sua convivência diária com aquele que limpa o chão onde os mais importantes pisam; com aquele que tem cargos subalternos à tua função. Essa tua relação, essa construção diária da convivência democrática entre vocês, é o que pode consolidar a Abin como uma instituição definitivamente respeitada, sem a desconfiança que, muitas vezes, gera no seio da sociedade brasileira.

Eu só posso desejar a você, Mauro, toda a sorte do mundo. Quero que saiba que você tem no general Félix um companheiro que eu aprendi a admirar. Eu passei parte da minha vida respondendo como é que eu ia conviver com os militares. Toda vez que eu estava perto de ganhar uma eleição alguém dizia: eles não vão deixar. E eu posso dizer hoje, aqui, que nesses 18 meses de governo, eu aprendi a conviver, não apenas com o general Félix, mas com os comandantes e outras personalidades das Forças Armadas. E hoje, estou consciente do profissionalismo, da dedicação e do patriotismo que vocês têm, tudo isso sintetizado na figura do general Félix. Eu acho que não tem pessoa que conviva com o general Félix que não tenha nele um companheiro, uma espécie de paizão, sempre disposto a dar um bom conselho e orientação àqueles que precisam.

Você tem a confiança do General Félix, certamente você tem a confiança do José Alencar, você tem a minha confiança. Agora, meu caro, a tua tarefa é conquistar a confiança da ABIN e a confiança do povo brasileiro.

Boa sorte e meus parabéns para você Mauro.



/rss/cms.